

FALAR DE RELIGIÃO HOJE: POSSIBILIDADES AO DIÁLOGO A PARTIR DA TEORIA DO MITO DE MIRCEIA ELIADE

Ricardo Boone Wotckoski¹

Resumo

Embora a filosofia e os movimentos racionalistas tenham se colocado em oposição ao saber mítico em épocas passadas, na atualidade, há a tendência de se articular os saberes humanos e suas perspectivas do real. Com isso, entende-se que o mito não está em oposição à ciência, mas constitui-se numa percepção aberta da realidade, que transcende aos procedimentos explicativos de processos materiais. Assim concebido, o mito apresenta-se como elemento estruturador da humanidade do ser, encontrando naquele as respostas fundamentais relativas à sua origem, o significado da vida e do estar no mundo, bem como quais ações são relevantes e, por isso, merecem seu esforço e investida.

Palavras-chave: Mitologia. Realidade. Sentido. Significado.

Abstract

While the rationalist philosophy and movements have been placed in opposition to the mythical know in the past, nowadays, there is the tendency to articulate the human knowledge and perspectives of the real. This means that the myth is not in opposition to science, but is open to a perception of reality, which transcends the procedures explanatory material processes. Thus conceived, the myth is presented as a structuring element of humanity to be, finding that the fundamental answers concerning their origin, the meaning of life and being in the world, as well as what actions are relevant and therefore worth your effort and invested.

Keywords: Mythology. Reality. Sense. Meaning.

Introdução

No estágio atual em que se encontra a sociedade pós-moderna, ainda é possível falar de religião? Ainda há lugar para uma religião fundamentada em relatos antigos, questionáveis do ponto de vista do conhecimento racional?

Neste trabalho, procura-se refletir a respeito desse tema, em especial, sobre o lugar no mito no diálogo a respeito da religião, sua função e discurso na atualidade. Como referencial, o trabalho se baseia no conceito de mito defendido por

¹ Ricardo Boone Wotckoski é mestrando em Ciências da Religião – área de concentração Linguagens da Religião - pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: rwotckoski@gmail.com

Mircea Eliade e sua importância para a integração do ser humano ao mundo numa perspectiva fenomenológica.

Mito: conhecimento primitivo ou conhecimento religioso?

Um longo processo de esvaziamento do conceito de mito atingiu o seu ápice no período do racionalismo e do positivismo, quando o mito, ao contrário do conhecimento científico, viria a designar tudo aquilo que não poderia existir na realidade objetiva, cientificamente comprovável pelas leis naturais e pela observação e pela experimentação².

O próprio cristianismo enveredou por este caminho, investindo num primeiro momento, em tentativas de comprovar a historicidade das narrativas bíblicas. As dificuldades encontradas nesse percurso resultaram numa encruzilhada apontando para dois caminhos ao menos: de um lado, a negação da Bíblia como irreal; por outro, uma tentativa de conciliar as suas narrativas às ciências naturais.

Em ambas as posturas, o cristianismo adotou o discurso positivista segundo o qual o mito seria “a forma primitiva de explicar o mundo, depois evoluindo para a Filosofia e para a ciência à medida que a própria razão fosse evoluindo”.³

Com isso, esvaziou a religião de sua especificidade que é lidar com a dimensão espiritual do ser humano. No primeiro caso, negando o transcendente; no segundo esvaziando o conceito de realidade e de plenitude a que o mito integra o ser humano.

Isso porque o mito possui uma lógica própria, diferente em termos discursivos e de objetivos da ciência. Ele expressa, sim, um pensamento, que diz respeito ao mistério da vida, que escapa às ciências naturais, mas que “contam para uma sociedade o que é importante para esta saber.”⁴

Com relação aos elementos com os quais o mito opera, Croatto argumenta que:

O mito é um texto. Ele pertence, portanto, à ordem literária e deve ser interpretado como discurso. Como texto, o mito pretende “dizer algo para alguém a respeito de alguma coisa”, ou seja, existem quatro elementos em

² ELIADE, M. Mito e realidade. São Paulo: Perspectiva, 2007.

³ SILVA, K. V. Dicionário de conceitos históricos. São Paulo: Contexto, 2010.

⁴ FRYE, N. O código dos códigos: a Bíblia e a literatura. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 59

uma súbita interpelação: um emissor e seu destinatário, uma realidade e o que se diz sobre ela, isto é, sua interpretação.⁵

O mito traz em seu discurso, seja narrativo ou poético, das origens do mundo e do ser humano numa perspectiva fenomenológica. Por isso, os fatos nele narrados dizem respeito ao tempo primordial, anterior à ordenação das coisas como as percebemos hoje. Revela-nos o sentido do mundo, do ser humano e de tudo mais existirem e se articularem exatamente como são.

Nesta perspectiva, mito distingue-se da lenda da fábula porque não é recebido como uma obra da criatividade individual de um escrito talentoso, mas como resposta às indagações existências, que dizem respeito à sociedade inteira e que se repetem em grupos distintos, mesmo que com nuances diferentes.

O mito é o relato dessa origem divina das coisas e das instituições. Esse é o “modo” como o mito expressa a experiência religiosa do originário, como manifesta a sacralidade hierofanizada naquilo que lhe concerne profundamente em sua realidade.⁶

Os mitos cosmogônicos, por exemplo, narram a origem divina do cosmos e do ser humano; os de origem, funcionam como prolongamento daqueles, apresentando a gênese de toda a realidade que circunda a realidade, atribuindo-lhe um sentido.

Com isso, o mundo visível, com todos os seus elementos, são incorporados ao transcendente, revelando-se apenas uma parte da realidade, que se torna plena na sua intercessão com o transcendente. Pois, “todas as instituições significativas [...] têm uma origem primordial e têm uma divindade como ator paradigmático. Também os acontecimentos mais relevantes em uma cultura são remontados de várias formas às origens.”⁷

O mito, portanto, é também arquetípico, instaurando os modelos de ações significativas e que satisfazem a necessidade humana de dar sentido pleno ao ser humano, inserindo-o na realidade plena. E a ausência desse paradigma é fragmentação, perda de identidade e sentido. Sem essa organização, volta-se ao caos primordial.⁸

⁵ CROATTO, J. S. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 210.

⁶ CROATTO, 2004, p. 219.

⁷ CROATTO, 2004, p. 252-253.

⁸ CROATTO, 2004.

O lugar do mito na religião hoje

Através do mito, o ser humano alcança sentido para a vida cotidiana e constrói, encontrando os arquétipos de sua humanidade, não alcançável pelo conhecimento racional dos mecanismos de funcionamento da natureza.⁹

Com relação ao sentido trazido pelo mito à existência humana, Kujawski pontua que:

A manifestação do sagrado na hierofania atua como um ponto fixo, um Centro ao redor do qual se estabelece a ordem cósmica e as coisas se organizam. Por isso a irrupção do sagrado funda o Universo como âmbito dotado de ordem, orientação e sentido. Onde não se cultua o sagrado, não há Centro e não há Universo, mas só fragmentos de realidade.¹⁰

Assim, o passado mítico torna-se presente e contemporâneo da realidade cotidiana do ser humano, pois:

Reviver esse tempo, reintegrá-lo o mais frequentemente possível, assistir de novo ao espetáculo das obras divinas, encontrar os Seres Sobrenaturais e voltar a aprender a sua lição criadora é o desejo que podemos ler claramente em todas as repetições rituais dos mitos. Em suma, os mitos revelam que o Mundo, o homem e a vida têm uma origem e uma história sobrenatural, e que essa história é significativa, preciosa e exemplar.¹¹

Assim, o ser humano que adere à experiência religiosa, vive tanto o tempo sagrado quanto o profano. O tempo sagrado se manifesta de modo circular e recuperável. Ele se torna presente pela repetição dos ritos, inserindo à realidade o aspecto misterioso e transcendente da existência humana.

Isto significa tornar presente o tempo em que os deuses criaram o cosmos e que os antepassados fundaram e organizaram a vida e as coisas. Neste contexto, as festividades religiosas exercem papel relevante.

A experiência religiosa vivenciada nos ritos sagrados, ao retomar a mitologia cosmogônica e de origem, permite ao ser humano manter seu foco naquilo que é

⁹ KUJAWSKI, G. de M. O sagrado existe. São Paulo: Ática, 1994.

¹⁰ KUJAWSKI, 1994, p. 35.

¹¹ ELIADE, M. Aspectos do mito. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989, p. 23.

importante e essencial em meio àqueles acontecimentos que são irrelevantes do ponto de vista arquetípico dos mitos. Assim,

O que os homens fazem por iniciativa, o que fazem sem modelo mítico, pertence à esfera do profano: é pois uma atividade vã e ilusória, enfim, irreal. Quanto mais o homem é religioso tanto mais dispõe de modelos exemplares para seus comportamentos e ações [...] tanto mais se insere no real e menos se arrisca a perder-se em ações não-exemplares, “subjetivas” e, em suma, aberrantes.¹²

Dessa forma, ao realizar o cotidiano na perspectiva dos mitos fundamentais, o ser humano imita as ações dos deuses e heróis míticos, o que permite, segundo Eliade,¹³ manter-se no sagrado e, por consequência, na realidade. Assim, o mundo é santificado pelo agir segundo os modelos míticos. Também menor será o risco de se perder naquilo que não é modelar ou insignificante. O ser humano, ao aderir a esse modelo mítico, assume uma humanidade que tem origem divina e que se torna um padrão de ideal humano.

A essa dinâmica se articula as mitologias e sua contribuição à construção da identidade do ser. E sua supressão, conforme adverte Campbell, tem consequências negativas para a vida humana, pois:

Com a perda disso, perdemos efetivamente algo, porque não possuímos nada semelhante para pôr no lugar. Esses bocados de informação, provenientes dos tempos antigos, que têm a ver com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, que construíram civilizações e enformaram (sic) religiões através dos séculos, têm a ver com os profundos problemas interiores, com os profundos mistérios, com os profundos limiares da travessia, e se você não souber o que dizem os sinais ao longo do caminho, terá de produzi-los por sua conta.¹⁴

A mitologia, portanto, relaciona-se diretamente à vida, seu significado mais profundo e sua necessidade constante de reflexão a respeito do papel de cada ser humano na sociedade a que está inserido. Isso por que:

Ao se revelarem [ações arquetípicas], rasgaram a duração profana e introduziram nela o tempo mítico. Mas, ao mesmo tempo, criaram um “começo”, um “acontecimento” que vem inserir-se na perspectiva triste e uniforme da duração profana – da duração na qual aparecem e desaparecem os atos insignificantes – e constrói, desse modo, a “história”, a

¹² ELIADE, M. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2008a, p. 85-86.

¹³ ELIADE, 2008a.

¹⁴ CAMPBELL, J. O poder do mito. São Paulo: Palas Athena, 2007, p. 4.

série dos “acontecimentos dotados de um sentido”, bem diferente da sequência dos gestos automáticos e sem significação.¹⁵

O ser humano, visto nesta perspectiva, caracteriza-se pela transitoriedade. Precisa sobreviver em um mundo hostil e ameaçado pela morte. E, em especial, na contemporaneidade, vê-se ameaçado, mais que em outros tempos, pelo caos da perda de sentido e da fragmentação, cercado por uma gama de fatos carentes de significação.

Qual o caminho a percorrer diante de tal quadro? Uma possibilidade é o resgate da mitologia como elemento que possa contribuir para a construção do ser como humano. Pois o mito tem algo a dizer a respeito da humanidade do ser, respondendo indagações e propondo modos de ser que rompam com o caos da falta de significado e com as ações insignificantes.

Conclusão

Diferentes abordagens e definições circundam a pesquisa a respeito do mito. Neste trabalho optou-se pela abordagem fenomenológica, que tem em Mircea Eliade seu grande expoente.

Nessa perspectiva, a mitologia constitui-se a partir daqueles mitos que revelam a determinado grupo a origem do mundo, do ser humano e das estruturas a que estão condicionados pelo cotidiano, tudo isso pela ação dos deuses, semideuses e ancestrais.

Estas mitologias são importantes porque contribuem para dar significação ao cotidiano e por lançar os modelos arquetípicos pelos quais o ser humano pode exercitar sua humanidade, enquanto ser individual, social e transcendente.

Embora a filosofia e os movimentos racionalistas tenham se colocado em oposição ao saber mítico em épocas passadas, na atualidade, há a tendência de se articular os saberes humanos e suas perspectivas do real.

Com isso, entende-se que o mito não está em oposição à ciência, mas constitui-se numa percepção aberta da realidade, que transcende aos procedimentos explicativos de processos materiais.

¹⁵ ELIADE, M. Tratado de história das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2008b, 321.

Assim concebido, o mito apresenta-se como elemento estruturador da humanidade do ser, encontrando naquele as respostas fundamentais relativas à sua origem, o significado da vida e do estar no mundo, bem como quais ações são relevantes e, por isso, merecem seu esforço e investida.

A religião é o lugar do mito. Uma religião sem mito ou que procura desmitologizar seu discurso, priva o ser humano daquilo que lhe é próprio e priva o ser humano de encontrar-se como parte do mundo pleno em sua realidade.

REFERÊNCIAS

CAMPBELL, J. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 2007.

CROATTO, J. S. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2004.

ELIADE, M. *Aspectos do mito*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

_____. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FRYE, N. *O código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. São Paulo: Boitempo, 2004.

KUJAWSKI, G. de M. *O sagrado existe*. São Paulo: Ática, 1994.

SILVA, K. V. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2010.